https://doi.org/10.20336/rbs.1233

A sociologia na imprensa brasileira em meados do século XX: uma agenda de pesquisa

Sociology in the Brazilian press in the mid-20th century: A research agenda

La sociología en la prensa brasileña a mediados del siglo XX: una agenda de investigación

Antonio Brasil Jr.[*]

Matheus de Carvalho Barros[**]

Ricardo Maciel[***]

[*] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Doutor em Sociologia, professor associado do Departamento de Sociologia e do PPGSA da UFRJ, Bolsista de Produtividade do CNPq (PQ-2). antoniobrasiljr@gmail.com

[**] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Mestre e Bacharel em Sociologia (UFF), doutorando em Sociologia pela UFRJ, professor substituto do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Comparados e Pensamento. carvalho_barros@id.uff.br

[***] Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
Doutor em Sociologia pela UFRJ. Professor Substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. ragmaciel@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo analisa a presença da sociologia na imprensa brasileira em meados do século XX, com o objetivo de compreender o papel dos circuitos de circulação pública na constituição da disciplina. Partindo de um enfoque comunicacional, inspirado na teoria dos sistemas sociais e na noção de "movimento intelectual", o estudo privilegia os eventos comunicativos que, ao articularem intelectuais, instituições e públicos, contribuíram para a sistematização da sociologia no país. Empiricamente, a pesquisa baseia-se no levantamento e análise quantitativa de 825 artigos publicados por cientistas sociais nos suplementos literários da imprensa carioca entre as décadas de 1940 e 1960, bem como nas intervenções de Florestan Fernandes na imprensa paulistana nos anos 1940. Além disso, mobiliza-se a análise de redes de citação extraídas de seus textos como técnica de *distant reading*, a fim de identificar padrões de interlocução e nexos comunicativos em sua produção. O artigo argumenta que a imprensa periódica constituiu um espaço decisivo de elaboração intelectual, intervenção pública e construção de legitimidade, sendo fundamental para compreender o desenvolvimento histórico da sociologia brasileira para além de seus marcos institucionais. No caso específico de Florestan, os resultados evidenciam seu percurso formativo não linear, marcado pela inserção em diferentes redes intelectuais e políticas.

Palavras-chave: sociologia na imprensa, circuitos comunicativos, suplementos literários, Florestan Fernandes, pensamento social brasileiro.

ABSTRACT

This article examines the presence of sociology in the Brazilian press in the mid-twentieth century, aiming to understand the role of public circulation circuits in the constitution of the discipline. Drawing on a communicational approach inspired by systems theory and the notion of "intellectual movements," the study focuses on communicative events that, by articulating intellectuals, institutions, and audiences, contributed to the systematization of sociology in Brazil. Empirically, the analysis is based on the quantitative mapping of 825 articles published by social scientists in the literary supplements of Rio de Janeiro newspapers between the 1940s and 1960s, combined with a case study of Florestan Fernandes's interventions in the São Paulo press during the 1940s. In addition, the article employs citation network analysis as a distant reading technique to identify patterns of intellectual exchange and communicative nexuses in his writings. The findings show that the periodical press constituted a key arena for intellectual production, public intervention, and the construction of disciplinary legitimacy, thus playing a decisive role in the historical development of Brazilian sociology beyond its institutional boundaries. In the case of Fernandes, the results highlight a non-linear formative trajectory shaped by his engagement with diverse intellectual and political networks.

Keywords: sociology in the press, communication circuits, literary supplements, Florestan Fernandes, Brazilian social thought.

RESUMEN
Este artículo analiza la presencia de la sociología en la prensa brasileña a mediados del siglo XX, con el objetivo de comprender el papel de los circuitos de difusión pública en la constitución de la disciplina. Partiendo de un enfoque comunicativo, inspirado en la teoría de los sistemas sociales y en la noción de "movimiento intelectual", el estudio se centra en los eventos comunicativos que, al poner en contacto a intelectuales, instituciones y públicos, contribuyeron a la sistematización de la sociología en el país. Desde el punto de vista empírico, la investigación se basa en el recopilado y el análisis cuantitativo de 825 artículos publicados por científicos sociales en los suplementos literarios de la prensa de Río de Janeiro entre las décadas de 1940 y 1960, así como en las intervenciones de Florestan Fernandes en la prensa de São Paulo en la década de 1940. Además, se recurre al análisis de redes de citas extraídas de sus textos como técnica de lectura distante, con el fin de identificar patrones de interlocución y vínculos comunicativos en su producción. El artículo sostiene que la prensa periódica constituyó un espacio decisivo para la elaboración intelectual, la intervención pública y la construcción de legitimidad, siendo fundamental para comprender el desarrollo histórico de la sociología brasileña más allá de sus marcos institucionales. En el caso concreto de Florestan, los resultados ponen de manifiesto su trayectoria formativa no lineal, marcada por su integración en diferentes redes intelectuales y políticas.

Palabras clave: sociología en la prensa, circuitos comunicativos, suplementos literarios, Florestan Fernandes, pensamiento social brasileño.

Introdução

Em meados do século XX, a sociologia brasileira emergiu como uma ferramenta central para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais do país, ao mesmo tempo que firmava suas bases institucionais, científicas e os moldes da atuação profissional de seus praticantes (Miceli, 2001; Bastos, 2025). Esse processo de consolidação da disciplina foi marcado por sua complexidade – isto é, por seu caráter contingencial e multifacetado –, e ocorreu em meio a intensas mudanças sociais (Botelho, 2008).[1] Nesse contexto, a disciplina desempenhou um papel fundamental, tornando-se parte essencial das reflexões críticas sobre os rumos dessas mudanças e marcando o engajamento de seus praticantes no debate público.

Em relação aos espaços disponíveis para sua atuação pública, a sociologia brasileira desse período caracterizou-se pela participação intensa de seus intelectuais na imprensa periódica, incluído os jornais de maior circulação do Rio de Janeiro (especialmente), de São Paulo e (em menor medida) de outras cidades do país. Um exemplo notável das relações entre a sociologia e a imprensa foi a publicação da *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*, de Alberto Guerreiro Ramos, que originalmente surgiu como uma série de artigos publicados no *Diário de Notícias*, destinados a responder às polêmicas travadas com Florestan Fernandes a respeito do papel das ciências sociais em países subdesenvolvidos. Outros exemplos da participação intensa dos cientistas sociais na imprensa incluem, além do próprio Guerreiro Ramos, Manuel Diégues Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roger Bastide e Florestan Fernandes.

Não apenas os cientistas sociais, mas também inúmeros outros intelectuais se engajaram nos debates em torno das ciências sociais na imprensa. Nesse sentido, destacamos como fundamental a emergência de um espaço público marcado pela participação dos chamados "diletantes"[2] – figuras

[1] Para uma visão mais detalhada sobre o contexto de transformações sociais dos anos 1950 e suas implicações culturais e intelectuais, ver as obras de Maria Arminda Arruda, "Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX" (2001) e a coletânea "O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil", organizada por Botelho, Bastos e Villas Bôas (2008).

[2] Em relação ao uso do termo "diletante", devemos destacar que ele não carrega nenhum pressuposto nosso sobre a produção desses intelectuais. Usamos o termo porque esse adjetivo era amplamente utilizado no período para diferenciar um tipo de atuação intelectual mais generalista das práticas especializadas que emergiam. Nesse sentido, outros adjetivos constantemente utilizados nos artigos eram "amador", "leigo" e "impressionista".

dominantes no cenário intelectual de meados do século XX, caracterizadas por uma atuação polivalente e não especializada, segundo os parâmetros contemporâneos do termo –, mas que mobilizaram um intenso debate em torno da fortuna conceitual e metodológica da sociologia e das ciências sociais como um todo, configurando os jornais e revistas não apenas como um espaço de participação, mas uma das vias fundamentais para o processo de sistematização da disciplina (Maciel, 2024).

A escolha de pesquisar a produção da sociologia na imprensa possibilita redimensionar critérios utilizados nas avaliações da produção intelectual dos cientistas sociais. Um desses critérios restringe a produção científica a um grupo de estudiosos que se define pela sua formação especializada, carreira profissional e inserção em instituição estritamente voltada para a produção científico-acadêmica. Nestes casos, parte-se do pressuposto de que o conhecimento científico se elabora nos limites de um grupo ou de uma entidade que apresenta um conjunto de características que a aproxima de um padrão ideal. Essa abordagem, contudo, encontra limitações, sobretudo quando aplicada a contextos em que a diferenciação disciplinar e organizacional da sociologia ainda se encontrava em seus inícios, como é o caso de meados do século XX. Nesse sentido, não basta olharmos para o percurso deste grupo simplesmente como um reflexo do contexto vivido por eles, é preciso recuperar a identidade histórica da sua trajetória, ou seja, discernir os sentidos assumidos pelos limites e ambiguidades do contexto social no interior da sua atuação.

É nesse contexto que a análise da produção dos cientistas sociais nos suplementos literários entre as décadas de 1940 e 1960, bem como das intervenções de Florestan Fernandes na imprensa paulistana na década de 1940 – que será um estudo de caso estratégico que exploraremos aqui – permite reconstituir um quadro mais complexo, contingente e por vezes conflitivo tanto do percurso formativo dos intelectuais em questão quanto do próprio processo histórico do desenvolvimento da sociologia brasileira. Longe de corresponder a uma trajetória linear de especialização acadêmica, esse período foi marcado pela experimentação de diferentes estratégias de articulação entre cultura, ciência e política, mobilizadas em distintos espaços de publicação e com graus variados de êxito. Dessa forma, a imprensa periódica desempenhou um papel decisivo, funcionando simultaneamente como espaço de intervenção

pública, de elaboração intelectual e de construção de legitimidade no interior do nascente campo das ciências sociais no Brasil.

Nosso objetivo é evidenciar um circuito intelectual que, ao extrapolar o ambiente estritamente acadêmico, aproximou as formulações e debates da sociologia ao público em geral, conformando um espaço público essencial para o crescimento da área.[3] Trata-se, portanto, de um esforço de reconstrução da presença das ciências sociais na imprensa, que, por meio da análise sistemática da produção publicada, contribui para uma compreensão mais ampla e detalhada do próprio processo de sistematização do campo no Brasil. [4] A ideia de "movimento intelectual" ajuda a enquadrar analiticamente esse processo de mobilização de recursos simbólicos e materiais que, de modo conflitivo e sempre em profunda negociação com diferentes agentes, foi viabilizando a criação de um espaço considerável para as modernas ciências sociais no debate público e no cotidiano do mundo da produção cultural brasileira.

O texto está estruturado em quatro seções, além da introdução e das considerações finais, e aposta na importância da pesquisa empírico-documental. Após esta introdução, a primeira seção apresenta um enquadramento teórico sobre os circuitos comunicativos e os movimentos intelectuais. Em seguida, desenvolvemos a investigação empírica sistemática da produção dos cientistas sociais na imprensa carioca, com coleta e organização de dados de diferentes periódicos. Na seção seguinte, aprofundamos essa abordagem por meio do caso de Florestan Fernandes, articulando diferentes fontes documentais para reconstituir sua atuação

[3] Botelho (2008) assinala que a tentativa de articular prática científica e participação pública não foi uma preocupação exclusiva dos cientistas sociais. Nesse sentido, ele retoma a trajetória do físico José Leite Lopes que, na década de 1950, publicou artigos no suplemento "*Ciência para todos*" como parte de uma estratégia de atuação pública que visava conferir motivação e sentido social, político e econômico para a ciência no Brasil. No campo das ciências sociais, a relação com o debate público foi abordada por Perlatto (2016), Perlatto e Maia (2012) e Maia (2012).

[4] Inspirados na noção de "sistema literário" proposta por Antonio Candido (2006, 2007), assumimos que a sociologia, tal como a literatura, constrói-se como uma totalidade estruturada por obras, autores, instituições, leitores e formas específicas de interlocução. Transposta para o campo das ciências sociais, essa concepção permite entender a disciplina como um sistema intelectual em formação, cujas regras de funcionamento foram sendo elaboradas em meio a práticas discursivas heterogêneas – entre elas, a escrita para a imprensa. Cabe destacar o caráter pioneiro do trabalho de Elide Rugai Bastos (2006), especialmente por antecipar um modo de apreensão relacional das ciências sociais, que se aproxima da noção de sistema aqui mobilizada. Nessa perspectiva, interessa-nos menos o "sentido" ou a direção teleológica do processo do que o modo como ele se constitui a partir de um encadeamento recursivo e contingente de eventos comunicativos, cujas articulações produzem efeitos estruturantes sem pressupor uma unidade prévia ou finalidade determinada. Nesse sentido, por exemplo, o processo de criação de canais comunicativos pode anteceder a própria diferenciação institucional da sociologia como disciplina autônoma.

na imprensa paulista ao longo dos anos 1940. Por fim, analisamos as redes formadas a partir dos artigos publicados por Florestan. Ao longo de todo o texto, o uso extenso do material empírico busca fundamentar o argumento central sobre a importância da circulação da sociologia junto aos públicos mais amplos e o modo como essa relação é constitutiva dos sentidos assumidos pela produção sociológica brasileira.

Circuitos de comunicação e movimentos intelectuais

Nossa abordagem adota um enfoque "comunicacional", isto é, ênfase não recai no estudo das organizações e instituições que participaram do processo de institucionalização da sociologia, mas, sim, nos eventos comunicativos que, ao se enlaçarem sucessivamente no tempo, vão conformando, tensionando ou dissolvendo fronteiras nas relações entre diferentes disciplinas e áreas de estudo, assim como novas formas de interação entre os novos especialistas e os diferentes públicos de seus textos. A rigor, a própria diferenciação de organizações científicas é um processo que se realiza no interior de um entramado comunicacional difuso e complexo, no qual participam atores muito diversos, inclusive os críticos à institucionalização das ciências sociais de acordo com os padrões mais globais de organização da disciplina. A referência teórica mais geral aqui é a Teoria Geral dos Sistemas Sociais, proposta por Niklas Luhmann (1996), que redescreve o objeto da sociologia como "comunicação", isto é, os sistemas sociais (o que inclui a própria ciência como sistema) têm como seu fundamento operativo básico eventos comunicativos (Leydesdorff, 2007; Luhmann, 1996).

A proposta focada na comunicação permite especificar como o conhecimento circulou para além dos ambientes especializados da ciência, e como este processo foi intensificado pela atividade coletiva de um grupo de intelectuais diretamente engajados na mudança dos recursos culturais disponíveis aos agentes sociais. Nos últimos anos, cresceu a compreensão de que, além de esclarecer os processos de constituição social das ideias e dos intelectuais, é preciso especificar como categorias, conceitos e noções cunhadas nas ciências sociais participam reflexivamente da construção

do próprio social (Bastos, 2002, Bastos & Botelho, 2010, Brasil Jr., 2015). Mais recentemente, esse esforço teórico, antes descentrado, está sendo debatido coletivamente na chave do "aprendizado social da mudança" (Botelho, 2020; Botelho & Bastos Pereira, 2025), o que exige justamente tratar de forma central os aspectos comunicativos (internos e externos) da produção científica a fim de conectá-la às transformações das formas de auto-observação da sociedade brasileira.

A sociologia brasileira que se expandia como disciplina, nesse período, questionava os limites do bloco agrário-industrial, consolidado pelo pacto de 1930, e buscava deslocar o peso do autoritarismo, muito presente na geração anterior de cientistas sociais, como chave interpretativa da vida social brasileira. No caso do Rio de Janeiro, Brasil Jr. (2017) argumenta que a dependência dos sociólogos em relação aos órgãos não acadêmicos, como autarquias, órgãos ministeriais, comissões de diferentes tipos etc., abriu a possibilidade para que os recursos das ciências sociais fossem acionados em diferentes contextos institucionais e burocráticos, capilarizando sua variada gama de influências. Nesse sentido, observamos a articulação entre o tema das mudanças sociais e a democratização da sociedade. Peter Wagner (2001) argumenta que a análise sociológica do conhecimento científico não deve se limitar a uma sociologia do campo da ciência, mas entender de modo sistemático as mudanças, à luz tanto do ambiente sociopolítico mais amplo e das potenciais audiências para a sociologia quanto da estrutura do campo científico. Sua proposta, portanto, não é orientada para uma história das ciências sociais, mas para uma sociologia política historicamente orientada, que localiza os desenvolvimentos intelectuais e institucionais no contexto das problemáticas políticas. Nesse sentido, os conceitos sociológicos – e das ciências humanas em geral – são históricos e emergem em contextos linguísticos e sociopolíticos específicos, sendo formulados para lidar com problemas determinados. Os desenvolvimentos intelectuais são, portanto, problematizações de situações vividas.

A abordagem das ciências sociais como movimento científico-intelectual se fundamenta na percepção dos intelectuais como componentes de uma rede descentrada e conectada de modo contingente. A articulação do movimento não é dada pelo consenso em relação às práticas científicas ou posições teóricas compartilhadas, mas por

certos objetivos comuns.[5] Apesar das diferenças entre os componentes dessa geração, havia certo repertório de reflexões comuns que unia os praticantes da sociologia. A forma "movimento" permite capturar a enorme heterogeneidade e descentramento na coordenação das relações sociais, enfocando mais as relações estabelecidas entre os participantes de um determinado meio intelectual do que as disjuntivas atribuídas a eles, o que pode propiciar novas chaves heurísticas para o processo de sistematização da sociologia no Brasil.

Essa proposta parte de Scott Frickel e Neil Gross (2005), que aproximam e comparam o que chamam de movimentos intelectuais e científicos (SIMs) em relação aos movimentos sociais. Segundo os autores, os SIMs diferem de outros movimentos sociais na medida em que buscam ativamente a produção de conhecimento, não sendo subsumidos aos seus fins políticos e sociais. Como Frickel e Gross os definem, "SIMs são esforços coletivos para buscar programas ou projetos de pesquisa para reflexão diante da resistência de outros agentes na comunidade científica ou intelectual" (2005, p. 206). Segundo os autores, alguns SIMs visam a problematizar tópicos anteriormente pouco estudados; outros procuram introduzir novas perspectivas teóricas em um terreno já estabelecido ou alterar os limites dos campos científicos e intelectuais existentes.

Alguns passos importantes sobre movimentos intelectuais vêm sendo dados na sociologia brasileira, mesmo que em contextos diferentes do nosso e ainda que sem formalizar a ideia de "movimento científico-intelectual", dentre os quais destacamos os trabalhos de Ângela Alonso (2015) e André Botelho (2020). Brasil Jr. (2017), dentro desta perspectiva, argumenta que as ciências sociais como movimento intelectual inventaram novas formas de relacionamento entre intelectuais e público, seja através da prática de uma escrita voltada para leitores não especializados, seja na participação ou aliança com movimentos sociais.

[5] Nesse sentido, a ideia de "autocompreensões societárias" também constitui um recurso conceitual que permite focar na comunicação entre os atores sobre os recursos e regras básicas que eles compartilham em vez de pressupor a existência de muitos elementos comuns ou uma forte coesão socio-estrutural (Wagner, 2012).

A Sociologia nos suplementos literários

Dada a centralidade da imprensa na esfera pública brasileira de meados do século XX, nesta seção, buscamos compreender como os suplementos literários dos jornais cariocas, cadernos culturais muito populares e prestigiados nos anos 1950, atuaram na construção de um espaço público para as ciências sociais, fornecendo visibilidade, legitimidade e canais de interlocução para os seus praticantes naquele período. Para isso, recuperamos a produção de alguns autores na imprensa, mobilizando um amplo conjunto de dados empíricos que nos permitiu mapear os contornos dessa circulação. É importante explicitar de modo mais consistente a escolha dos suplementos como fonte privilegiada para uma análise abrangente da sociologia em meados do século XX, destacando sua relevância como espaços de circulação ampliada de ideias, mediação entre novos especialistas, "velhos" generalistas e público leigo e experimentação de linguagens intelectuais com diferentes graus de formalização. Nessa direção, Maciel (2024) realizou um mapeamento sistemático e a classificação desse material, em diálogo com esforços análogos na literatura, como o trabalho de Villas Bôas (2007) sobre o mercado editorial das ciências sociais, as análises de Jackson (2004) acerca das revistas paulistas e o levantamento de Jackson e Blanco (2014) sobre as relações entre sociologia e crítica literária no Brasil e na Argentina. Esses paralelos ajudam a situar metodologicamente a pesquisa nos suplementos literários e reforça a contribuição específica dessa abordagem no interior desse campo de estudos.

Utilizamos o nome de cientistas sociais como termos de busca em cinco periódicos cariocas: *Diário de Notícias, A Manhã, Jornal do Brasil, Diário Carioca* e *Correio da Manhã*. Esses veículos são mencionados de forma recorrente na bibliografia sobre a imprensa no Rio de Janeiro (Abreu *et al.*, 2008; Couto, 1992; Ribeiro, 2000), o que garante uma amostra representativa e fidedigna do universo pesquisado. A expressiva concentração da produção dos cientistas sociais nos suplementos, como veremos, justifica o foco nessa seção específica.

Devemos mencionar que os órgãos de imprensa, em conformidade com o ambiente geral de mudanças na sociedade, passavam por uma profunda

reformulação nos anos 1940/50.[6] Esse período foi marcado pela modernização das técnicas de produção e impressão, que possibilitaram tiragens maiores e mais ágeis. Grandes jornais começaram a se consolidar como veículos de alcance nacional, adotando um modelo mais empresarial de gestão. Ao mesmo tempo, o conteúdo jornalístico tornou-se mais diversificado, com seções especializadas e a inclusão de reportagens investigativas. Esses veículos passaram a exercer uma influência maior na formação da opinião pública, em um contexto de efervescência política e cultural. Este papel de mediação reforça sua função como ponte entre o saber acadêmico e o debate público, fundamental para a consolidação de um campo disciplinar em transformação.

A seleção dos autores pesquisados se baseou na busca por contemplar diferentes formas de inserção no campo das ciências sociais, tanto no plano institucional quanto conceitual. Desse modo, foram incluídos na amostra Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Alberto Guerreiro Ramos, Roger Bastide e Manuel Diégues Júnior. Entre eles, alguns assumiram de modo mais enfático a identidade de sociólogo, como Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes; outros, como Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, desenvolveram trajetórias intelectuais amplas e menos delimitadas quanto à filiação disciplinar. Já Manuel Diégues Júnior transitou entre a sociologia, a antropologia e o estudo do folclore.

Outros intelectuais, como Arthur Rios, Evaristo de Moraes Filho e Luiz Aguiar da Costa Pinto, também tiveram participação na imprensa, embora de forma menos frequente nos jornais analisados. No caso de Arthur Rios, que abordou temas ligados à reforma agrária, sua colaboração com o *Diário de Notícias*, ao longo da década de 1950, ocorreu fora do suplemento literário, razão pela qual não foi incluído no *corpus* principal. Ainda assim, sua presença reforça a relevância da imprensa como arena estratégica de participação nas questões que agitavam o debate público e na difusão e legitimação das ciências sociais no Brasil.

---

[6] De maneira geral, essas alterações estão relacionadas à adoção do modelo jornalístico norte-americano, tido como mais objetivo, em detrimento do modelo tradicionalmente praticado no Brasil, que era mais literário e opinativo, seguindo a inspiração francesa. Esse processo de modernização da imprensa brasileira foi abordado por diversos trabalhos, sobretudo da área do jornalismo e história como Ferreira (1993), Mesquita (2020), Ribeiro (2000), Abreu *et al.* (2008) e Barbosa (2007).

É importante assinalar que não estamos buscando destacar as possíveis clivagens e disputas em torno das definições relativas à prática das ciências sociais. Nosso intuito é reconstituir um universo diverso que envolve múltiplos atores que participaram da circulação pública da área. Os dados apresentados abaixo permitem dimensionar a presença das ciências sociais na imprensa, assinalando a centralidade dos jornais diários na circulação dos conhecimentos da área. Mais do que estabelecer *rankings* ou medir projeções individuais, a análise quantitativa visa dimensionar um circuito intelectual.

O mapeamento da produção foi realizado por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, plataforma que permite pesquisas em grandes volumes de textos a partir de palavras-chave (Brasil & Nascimento, 2020). A busca foi computada manualmente e sistematizada em um banco de dados estruturado por autor, periódico, data da publicação e seção do jornal. Nossa abordagem metodológica baseou-se na anotação manual dos resultados, sem o uso de técnicas digitais de processamento de dados. No total, identificamos 981 artigos assinados pelos autores pesquisados, incluindo todas as seções dos jornais. Desse montante, 825 (84%) foram publicados nos suplementos literários (Tabela1).

A predominância dos suplementos nos resultados obtidos indica que esses cadernos foram espaços privilegiados de circulação dos cientistas sociais no contexto da imprensa. Segundo Silviano Santiago (1993, p. 13), a mudança na linguagem ensejada pela reforma da imprensa alterou também o espaço reservado para a literatura, reforçando a centralidade dos suplementos na divulgação da produção intelectual: "o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial, o suplemento literário". Na avaliação de Couto (1992), os suplementos literários cumpriram o papel de conectar a produção intelectual a um público mais amplo de consumidores dos bens culturais, sobretudo diante da carência de publicações especializadas. Desse modo, também ajudaram a suprir as demandas relativas à circulação dos conteúdos entre o público mais especializado.

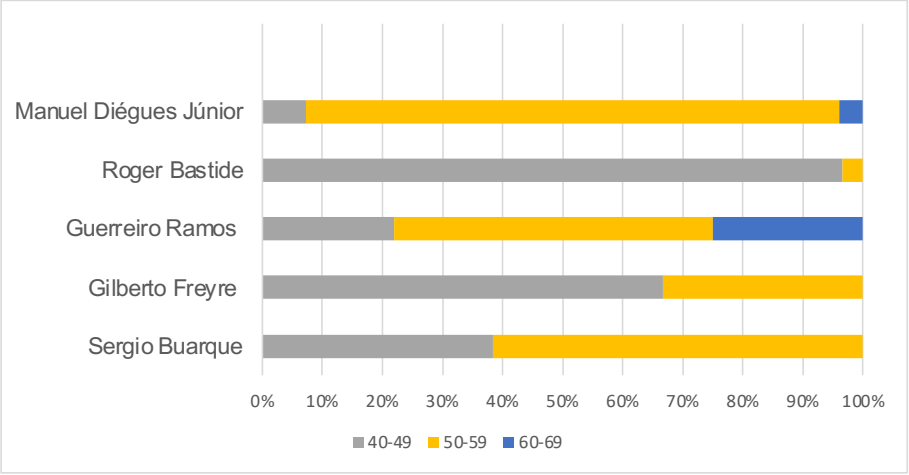
Os números que estamos apresentando não expressam uma uniformidade nem um crescimento contínuo da produção ao longo dos anos. No período considerado, observaram-se variações significativas tanto na quantidade geral de artigos publicados quanto na participação de cada autor (Gráfico 1).

Tabela 1. Distribuição da produção dos autores por suplemento

	Sérgio Buarque de Holanda	Gilberto Freyre	Guerreiro Ramos	Florestan Fernandes	Roger Bastide	Manuel Diégues Jr.	Total
Diário de Notícias	76	154	14	0	4	403	651
A Manhã (1946-54)	0	4	7	0	25	10	46
Jornal do Brasil	0	1	10	0	0	11	22
Diário Carioca	95	5	1	0	0	0	101
Correio da Manhã	1	4	0	0	0	0	5
Total	172	168	32	0	29	424	825

Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 1. Distribuição da produção dos autores por década



Fonte: elaboração dos autores.

A concentração da produção na década de 1950 pode ser atribuída a uma combinação de fatores. Em primeiro lugar, destaca-se o auge de prestígio e popularidade dos suplementos nesse período. Outro elemento decisivo é o ambiente de valorização das ciências sociais. A crescente demanda por diagnósticos sobre a sociedade brasileira por parte de governos, agências internacionais como a UNESCO[7] e instituições de fomento, conferiu às disciplinas da área uma visibilidade pública inédita (Villas Bôas, 2007; Brasil Jr., 2017). Essa expansão da disciplina esteve diretamente relacionada à participação pública de seus praticantes. Karl Mannheim, cujo pensamento teve ampla recepção entre os sociólogos brasileiros de meados do século XX, afirmava que a marca do intelectual moderno é a busca de identificações e participação nas tensões e polaridades de sua sociedade. Não surpreende, portanto, que sua obra tenha encontrado grande recepção entre os sociólogos brasileiros, que dela se apropriaram em diferentes sentidos (Villas Bôas, 2006).

A predominância da década de 1950 reflete também as dinâmicas internas do campo das ciências sociais, articulando os debates disciplinares com os temas presentes nos suplementos. A atenção dada a assuntos como o folclore e a crítica literária, amplamente tratados nos artigos dessa época, evidencia a maneira pela qual os cientistas sociais negociavam as fronteiras disciplinares, experimentando novas formas de atuação e inserção pública.[8] Contextos de transição, como o de meados do século passado, geram fricções entre o repertório anterior e as novas *performances* paulatinamente experimentadas pelos cientistas sociais. Houve no período uma combinação muito improvável, porém muito profícua, entre novos "especialistas" e velhos "generalistas", entre profissionais e leigos, entre cientistas e literatos. A inserção dos intelectuais não se fez sem uma adaptação e uma negociação entre os cientistas sociais, sua linguagem e seus enfoques, e a imagem genérica do "escritor". Os cientistas sociais atuaram

[7] Sobre o Projeto Unesco cf. Maio (1999).

[8] No escopo deste trabalho, optamos por enfatizar os dados quantitativos relativos à produção dos autores pesquisados uma vez que o objetivo central é evidenciar a formação de um ambiente comunicacional. A categorização temática, embora de grande relevância – pois permite compreender como os saberes das ciências sociais foram mobilizados na imprensa –, demanda um esforço analítico próprio, que extrapola os limites objetivados neste artigo. A complexidade da tarefa de classificação decorre da variedade de temas tratados, da recorrente sobreposição de assuntos e do caráter não especializado dos textos voltados ao público geral. Esse desafio foi enfrentado em outro estudo (Maciel, 2024), onde o autor desenvolve um sistema classificatório capaz de lidar com a heterogeneidade e a fluidez temática da produção dos autores investigados.

de acordo com as regras de um jogo que eles não inventaram, ou seja, o repertório até então disponível de produção escrita nos jornais, mas foram de modo incremental alargando o escopo das *performances* disponíveis, trazendo novos gêneros, novos temas, novos conceitos. Nesse sentido, o par repertório-*performance*, como proposto por Charles Tilly (2008), pode constituir um recurso interessante para se pensar as mudanças nas formas de atuação.

Embora ligados a um contexto específico, os suplementos literários – e a imprensa como um todo – não devem ser compreendidos apenas como instâncias secundárias, mas como suportes estratégicos de comunicação e convencimento em torno de um projeto de ciência e de modernização do país em um momento-chave de mudanças sociais. Essa relevância se torna ainda mais evidente quando pensamos no papel dos suplementos como canais privilegiados de divulgação da produção intelectual da época. Assim, sua presença deve ser lida como decisiva na consolidação de um espaço público para as ciências sociais no Brasil. A participação dos profissionais da área nos jornais, longe de ser fruto do acaso ou da ausência de alternativas, constituiu uma estratégia ativa de inserção pública e de afirmação da legitimidade de um campo disciplinar em processo de formação.

O jovem Florestan Fernandes na imprensa paulistana (1943-1949)

Como vimos na seção anterior, Florestan Fernandes não esteve presente, pelo menos na década de 1940 e inícios da década seguinte, no debate intelectual em torno das modernas ciências sociais nos suplementos literários da antiga capital do país. Apenas com o surgimento do Suplemento literário do Estado de S. Paulo, em 1956, é que ele passa a ser um nome publicado com certa assiduidade neste tipo de material impresso. No entanto, isso não significa que Florestan não tenha atuado na imprensa periódica paulista desde o começo da década de 1940 – e a análise desta atuação (que ainda se encontra em curso, em razão da identificação de novos materiais de sua autoria em arquivos diversos) vem suscitando novas perguntas e questões de pesquisa. Em particular, esse material vem

permitindo rever uma imagem muito assentada sobre o autor na literatura especializada na história das ciências sociais no Brasil.

O levantamento da contribuição de Florestan Fernandes na imprensa periódica dos anos 1940 indica que o "sociólogo em formação" concentrou suas contribuições em três jornais: O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã e Jornal de São Paulo. O curioso é que, se quase todos os artigos publicados no *Estadão* foram posteriormente republicados em livros, isso não aconteceu com os outros dois veículos de imprensa.

Distintas conexões pessoais estabelecidas por Florestan no início de sua carreira explicam sua inserção na imprensa paulistana: uma vinculada principalmente ao ambiente da Universidade de São Paulo e outra forjada a partir de contatos da época do curso de madureza[9] e de sua militância política à esquerda. Se a primeira conexão – mediada por Roger Bastide e Sergio Milliet – abriu as portas para que o jovem sociólogo publicasse no Estadão, a segunda o levou a publicar na Folha da Manhã e no Jornal de São Paulo, ambos dirigidos por Hermínio Sacchetta.[10]

Em termos numéricos, identificamos que, entre 1943 e 1949, o jovem sociólogo publicou 29 artigos na Folha da Manhã/Noite, 29 artigos no Estadão e 48 artigos no Jornal de São Paulo. Embora Florestan tenha começado a publicar simultaneamente, em 1943 – inclusive no mesmo dia –, na Folha da Manhã e no Estado de S. Paulo, sua colaboração foi mais intensa, sobretudo entre o final de 1944 e o início de 1945, no jornal dirigido por Hermínio Sacchetta, e entre o final de 1948 e começo de 1949, no Estadão. Essas concentrações temporais correspondem a dois momentos bastante distintos da atuação e do reconhecimento públicos de Florestan.

---

[9] Os "cursos de madureza" eram um tipo de formação supletiva existente no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960, destinado principalmente a adultos ou jovens que não haviam concluído o ensino secundário na idade regular. Florestan Fernandes estudou no Ginásio Riachuelo de 1937 a 1941. Para mais informações sobre os exames de madureza na época de Florestan ver: https://aterraeredonda.com.br/florestan-fernandes-e-os-exames-de-madureza/

[10] Hermínio Sacchetta (1909-1982), brasileiro, nascido em São Paulo, iniciou sua carreira na imprensa, como revisor, no Correio Paulistano. Engajou-se na luta revolucionária através do Partido Comunista Brasileiro, em 1932, onde atuou no setor de agitação de propaganda chegando a secretário do Comitê Regional de São Paulo; foi ainda um dos principais editores do jornal A Classe Operária até 1937. Preso político durante o Estado Novo, após sua libertação, em novembro de 1939, participou da fundação do Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional nos anos 40 e 50, impulsionando o jornal Orientação Socialista. Posteriormente, atuou na Liga Socialista Independente, de tendência luxemburguista e, nos anos 60, no Movimento Comunista Internacionalista. Mestre do jornalismo, colaborou na formação de inúmeros profissionais e contribuiu com a imprensa diária e a de divulgação política. Sobre Hermínio Sacchetta ver: Sacchetta (1992).

No caso da Folha da Manhã, o pico de publicações coincide com os preparativos e a organização do I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, no final de janeiro de 1945. Nesse período, Florestan discute especialmente – na qualidade de correspondente oficial da Folha da Manhã no Congresso – as funções e as tarefas dos intelectuais no contexto de enfrentamento político contra a ditadura do Estado Novo. O I Congresso seria uma oportunidade única, de acordo com Florestan, para selar um compromisso duradouro dos intelectuais com a democratização da sociedade brasileira.[11] O próprio Florestan, à época, era visto como "escritor" e "crítico" por seus pares na imprensa, tendo publicado ao longo de 1944 e no início de 1945 vários artigos na Folha da Manhã sobre literatura.[12]

Por outro lado, no Estadão, o pico de suas publicações coincide com o período em torno do "Prêmio Fábio Prado 1948", voltado para os "ensaístas" que quisessem concorrer com seus inéditos. Florestan recebe o 1º prêmio em maio de 1949 pela publicação de *A organização social dos tupinambás*, vencendo, dentre outros, Ernani da Silva Bruno, que concorria com o ensaio *Retrato de uma capital de província*, e Emílio Willems, que concorreu com o livro *Cunha: tradição em uma cultura rural no Brasil*. Esse prêmio lhe serviu como um trunfo decisivo para se cacifar publicamente como especialista nas ciências sociais, separando-se da designação mais genérica de "escritor" e "crítico" na década seguinte. Se, na Folha da Manhã, Florestan concentra seus artigos em temas literários ou relativos à função dos intelectuais, no Estadão, a maior parte de seus textos se refere às discussões sobre folclore e cultura popular (postas na ordem do dia por Roger Bastide na USP, mas não apenas) ou a resenhas de livros de importantes nomes da cena cultural e universitária de São Paulo, como Fernando de Azevedo, Paulo Duarte e o

[11] Para uma análise mais detida sobre a interpretação de Florestan Fernandes acerca da função social dos intelectuais, a partir de sua cobertura do I Congresso Brasileiro de Escritores ver: Barros (2025).

[12] Entre abril de 1944 e janeiro de 1945, Florestan publicou uma série de artigos de crítica literária na Folha da Manhã, mais especificamente sobre o romance. Os textos tratam, por exemplo, do "romance social", do "romance político contemporâneo" e do romance no Brasil. Essa visão de Florestan Fernandes como "crítico" pode ser verificada por meio de suas correspondências. Entre os anos de 1943 e 1949, o jovem sociólogo correspondeu-se constantemente com um padre de Sorocaba, chamado Luiz Castanho de Almeida. Utilizando o pseudônimo de "Aluísio de Almeida", o sacerdote e historiador escreveu diversos artigos sobre folclore e crítica literária na imprensa paulistana. Como demonstram suas correspondências, o padre Luiz foi um leitor assíduo das contribuições de Florestan veiculadas na imprensa. Em uma carta de 5 de maio de 1944, o sacerdote chama a atenção para a diversidade de temas discutidos pelo jovem sociólogo: "O senhor não cuida só de sociologia, parece que vai preferindo a crítica, a literatura [...] parece que seu espírito muito ágil não se prende muito a isto ou aquilo" (Almeida, 5 de maio de 1943, s/p).

próprio Roger Bastide. Ou seja, sua produção no Estado de S. Paulo estava intimamente ligada às pesquisas desenvolvidas na universidade e ao seu universo social.

Reforçando nosso ponto sobre os circuitos comunicativos, os suplementos cariocas repercutiram as obras de Florestan e Willems, com a publicação de artigos, dentre os quais se destacam textos de Sérgio Buarque de Holanda. Em relação à obra de Florestan, ele destaca que o livro sobre os Tupinambás abria espaço para uma reflexão a respeito da "parte paradoxalmente modesta que tem cabido a brasileiros em um ramo de estudos dos mais importantes para quem deseje conhecer bem o Brasil". Na percepção apresentada por Buarque de Holanda, os estudos realizados no Brasil incorriam, geralmente, em dois vícios primordiais, o primeiro seria o "gosto das generalizações audaciosas" e o segundo a crença no valor da documentação pura, sem o complemento de uma perspectiva teórica que possa embasá-la e direcionar os questionamentos do pesquisador. Para o autor de *Raízes do Brasil*, no entanto, Florestan foi capaz de realizar essa junção entre o uso de extenso material descritivo (crônicas, documentos, relatos) e os modernos critérios de investigação sociológica:

> O que no domínio da ciência antropológica, para ficar só nesse, já realizaram entre nós os institutos universitários, nos poucos anos de sua existência, preparando, orientando e organizando pesquisas, inclusive pesquisas de campo, ainda não recebeu toda a atenção que merece, mas já é lícito prever que tais esforços tendem a marcar o início de uma fase decisiva para os estudos brasileiros. Os resultados dessas pesquisas são aparentes particularmente em São Paulo, não só através dos trabalhos de sua Faculdade de Filosofia, mas ainda, e sobretudo, de sua Escola Livre de Sociologia [...]. o trabalho do sr. Florestan Fernandes tem como base fontes escritas e impressas, de preferência o opulento material descritivo sobre os primitivos habitantes do litoral brasileiro que nos deixaram as crônicas quinhentistas e seiscentistas. E em realidade não se poderia esperar outra coisa de quem visa a reconstituir, com o socorro dos modernos critérios de Investigação e interpretação etnológica e sociológica, os diferentes aspectos de uma cultura que só conhecemos nos seus traços mais característicos por intermédio daqueles documentos (Holanda, 1949).

Voltando à produção de Florestan, no caso do *Jornal de São Paulo*, que ainda está em processo de análise, chama a atenção a quantidade de

artigos (48) publicados entre 1945 e 1946. É importante destacar que a "descoberta" dos textos de 1945 é algo recente em nossa pesquisa. No início do nosso levantamento, acreditávamos que Florestan só havia publicado no periódico no ano de 1946, após assumir, a convite de Sacchetta, uma coluna semanal intitulada "Homem e Sociedade", destinada às ciências sociais. Esses artigos de 1946, encontrados fisicamente na Biblioteca Nacional, versavam sobre temas variados, como a função dos intelectuais, a contribuição folclorística de Mário de Andrade, a cultura popular e resenhas de autores como Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo, Donald Pierson, Júlio Paternostro e João Cruz Costa.

Todavia, ao analisar a correspondência de Florestan com o padre Luiz Castanho de Almeida,[13] encontramos algumas indicações que apontavam para a possibilidade de o jovem sociólogo ter iniciado sua contribuição um ano antes. Por exemplo, em 13 de setembro de 1945, o sacerdote comenta que estava lendo os textos de Florestan no "novo jornal de São Paulo".[14] Essas pistas foram confirmadas quando encontramos um *curriculum vitae* elaborado pelo próprio Florestan Fernandes em seu acervo pessoal. Nesse documento, produzido provavelmente na década de 1960, Florestan faz uma lista de suas publicações e pesquisas nas décadas de 1940 e 1950, na qual pudemos confirmar que o jovem sociólogo publicou 20 textos no Jornal de São Paulo em 1945. Entre esses artigos há, por exemplo, dois textos sobre relações raciais, cinco textos sobre a crítica literária de Antonio Candido, dois textos sobre neofascismo e uma série de nove artigos sobre "Ciências Naturais e Ciências Sociais".

A confirmação dessas informações foi reforçada por uma descoberta recente realizada durante pesquisas no Fundo Florestan Fernandes. Foram encontrados recortes físicos dos artigos publicados por Florestan no Jornal de São Paulo ao longo de 1945, reunidos em uma pasta ainda não catalogada do acervo. Essa pasta, doada ao arquivo por Vladimir Sacchetta (filho de Hermínio Sacchetta) em 2009, foi preservada graças aos cuidados por ele

[13] Como já mencionado em nota anterior, utilizando o pseudônimo de "Aluísio de Almeida", o sacerdote e historiador escreveu diversos artigos sobre folclore e crítica literária na imprensa paulistana. Em janeiro de 2024, Luiz Castanho de Almeida foi declarado patrono da história do município de Sorocaba. Ainda não temos tantas informações sobre sua obra e trajetória. Entretanto, algumas informações podem ser conferidas no site da Secretaria de Cultura do município de Sorocaba: https://cultura.sorocaba.sp.gov.br/casaaluisiodealmeida/.

[14] Correspondência obtida no Fundo Florestan Fernandes (Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos).

dedicados aos escritos e à divulgação do pensamento de Florestan Fernandes. Apesar de o material ter sido doado em 2009, ainda não havia sido catalogado, sendo "descoberto" apenas recentemente. O conjunto foi localizado pelo pesquisador Diogo Valença de Azevedo Costa, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em colaboração com a bibliotecária Izabel da Mota Franco, da Coordenadoria de Obras Raras e Coleções Especiais (ColEsp), durante investigações na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. Trata-se, portanto, de um conjunto documental recém-identificado, que permanece em processo de organização e análise.

Entretanto, em um dos artigos desse conjunto ao qual tivemos acesso, intitulado "Planos e Perspectivas" e publicado em 23 de outubro de 1945, Florestan explicita de maneira bastante clara o papel que pretendia atribuir ao rodapé "Homem e Sociedade". Nele, o autor apresenta esse espaço como um veículo de divulgação dos debates teóricos e metodológicos nas ciências sociais, bem como de suas descobertas e avanços, em uma linguagem acessível ao grande público, sem comprometer a ética científica:

> o mesmo preconceito contra a divulgação que existe entre os especialistas das ciências da natureza contamina os especialistas das ciências sociais. E não se deve de fato fechar os olhos aos perigos da divulgação, pelo menos de certo tipo de divulgação que sacrifica toda e qualquer ética profissional em troca de um êxito fácil. Mas, é possível realizar uma atividade informativa bastante importante, sem correr esses riscos nefastos – tanto para a ciência, como para os leitores. [...] Portanto, estão aí bem definidos o objeto e as finalidades destes rodapés. Servir como uma ponte de ligação entre os leitores e os problemas e as obras publicadas sobre ciências sociais, eis o objeto. Ser informativo, tanto quanto possível, contribuir para atenuar as deficiências de nosso sistema escolar e o acanhamento – que felizmente parece estar se dissipando – de nossas editoras, eis as finalidades. Isso, por sua vez, delimita concretamente a orientação que se deve seguir. De um lado, põe em evidência a necessidade de se discutir alguns problemas teóricos e históricos das ciências sociais, objeto de cada uma, etc.; doutro lado implica o comentário de livros e indicação sistemática de leituras (Fernandes, 1945).

Portanto, em termos esquemáticos, é possível dizer que, na Folha da Manhã e no Jornal de São Paulo, Florestan Fernandes teve muito mais liberdade para experimentar certos temas e formas de intervenção pública

do que no Estadão, talvez porque seu acesso aos primeiros periódicos estivesse muito menos mediado por redes ligadas ao ambiente acadêmico do que no caso do segundo – vale lembrar que a rede que o ligou à Folha da Manhã e ao Jornal de São Paulo vinha da militância trotskista. Por outro lado, a produção oriunda dos jornais dirigidos por Hermínio Sacchetta, à exceção de pouquíssimos artigos, jamais seria reunida posteriormente em livro – em contraste, quase todos os artigos do Estadão depois reapareceriam em seus livros.

Em relação à produção intelectual de Florestan Fernandes, os jornais como material de pesquisa nos permitem visualizar como se deu de modo não linear o processo de construção dos seus argumentos sociológicos, bem como os diferentes meios pelos quais sua obra se comunicou com os diversos públicos culturais e políticos de São Paulo e do restante do país. Dessa forma, no lugar de uma narrativa linear já assentada na literatura especializada sobre Fernandes (Freitag, 2005), torna-se possível iluminar melhor suas experimentações, oscilações e viravoltas ao longo do tempo. Ao contrário da concepção usual segundo a qual os intelectuais formados na Universidade de São Paulo (USP) tendiam ao "autofechamento" e que sua produção estaria apartada das "polêmicas ardorosas" (Arruda, 2001), a análise das intervenções de Florestan na imprensa paulistana na década de 1940 nos permite argumentar que, desde cedo, o jovem sociólogo esteve imerso nos dilemas da sociedade brasileira e interveio ativamente no debate público.

Florestan Fernandes em rede: um breve exercício de leitura distante

Somente na década de 1940, segundo os dados até aqui disponíveis, Florestan assinou 106 artigos de sua autoria – um volume considerável de textos. Simultaneamente à leitura individual e em profundidade de cada um desses documentos, a equipe de pesquisa vem criando um banco de dados anotado que registra cada ocorrência do nome "Florestan Fernandes" no material de imprensa consultado, indicando data e ano de publicação, nome do jornal e a seção na qual o artigo foi alocado e, se houver, uma lista de nomes citados pelo autor em seus textos. O trabalho de codificação do

material, feito manualmente de modo coletivo e colaborativo, permitiu, por exemplo, identificar 342 nomes diferentes citados por Florestan, depois de corrigidas as variações e/ou erros de grafia existentes nos originais.[15] As citações a nomes permitem observar, de modo simplificado, como Florestan aciona diversos recursos cognitivos na elaboração de seus argumentos. Vale registrar que a distribuição dos nomes citados não é aleatória. Como os estudos cientométricos já discutem há décadas, a citação é altamente desigual (poucos nomes são muito citados) e *clusterizada* (isto é, agrupada) de acordo com linhas disciplinares e temáticas (Barabási, Song &Wang, 2012).

A modelagem de redes pode ser vista como uma técnica de "leitura distante", nos termos de Franco Moretti (2013), na medida em que transforma uma centena de documentos, por meio de uma codificação (no nosso caso específico: uma lista estruturada de nomes citados), em um sistema de relações. Tal sistema, representado graficamente na imagem a seguir, ignora a complexidade inerente a cada documento e retém apenas a informação relativa às práticas de citação de Florestan. É essa simplificação que está na base da construção da rede – *simplificação* porque ignoramos não apenas o conteúdo textual, mas igualmente a valência da citação (se positiva, negativa ou neutra). A modelagem da rede, portanto, exige a perda de muita informação; no entanto, ao concatenar as relações entre os nomes, ela permite a observação de padrões emergentes e nada autoevidentes, com sua complexidade específica. Em notação sistêmica, a redução de complexidade é condição para o aumento de complexidade em nível emergente.

A rede da Figura 1 foi modelada no *software* Gephi (Bastian, Heymann & Jacomy, 2009). Para a distribuição dos nomes dos autores citados por Florestan, aplicou-se um algoritmo de força, que simula um campo gravitacional (Jacomy *et al.*, 2014), isto é, que produz atração entre nomes que coocorrem num mesmo documento. Quanto maior a quantidade de documentos em que dois nomes coocorrem, maior a espessura da sua

[15] A primeira versão do *thesaurus* usado para a padronização dos nomes foi feita por meio do *software* Open Refine (Verborgh & Wilde, 2013), que reúne uma série de algoritmos de detecção de similaridade em uma única interface. Já a segunda versão foi feita com o auxílio de um modelo LLM (ChatGPT 5.4) que, por meio de uma interação via *prompts*, identificou as principais variações e sugeriu a adoção das versões "canônicas" dos nomes (por exemplo: mantendo Gilberto Freyre com "y" e Oliveira Vianna, com dois "n"), o que facilita bastante a leitura dos dados. O uso do modelo LLM se mostrou, para esta tarefa específica, mais eficiente que o uso dos tradicionais algoritmos de similaridade.

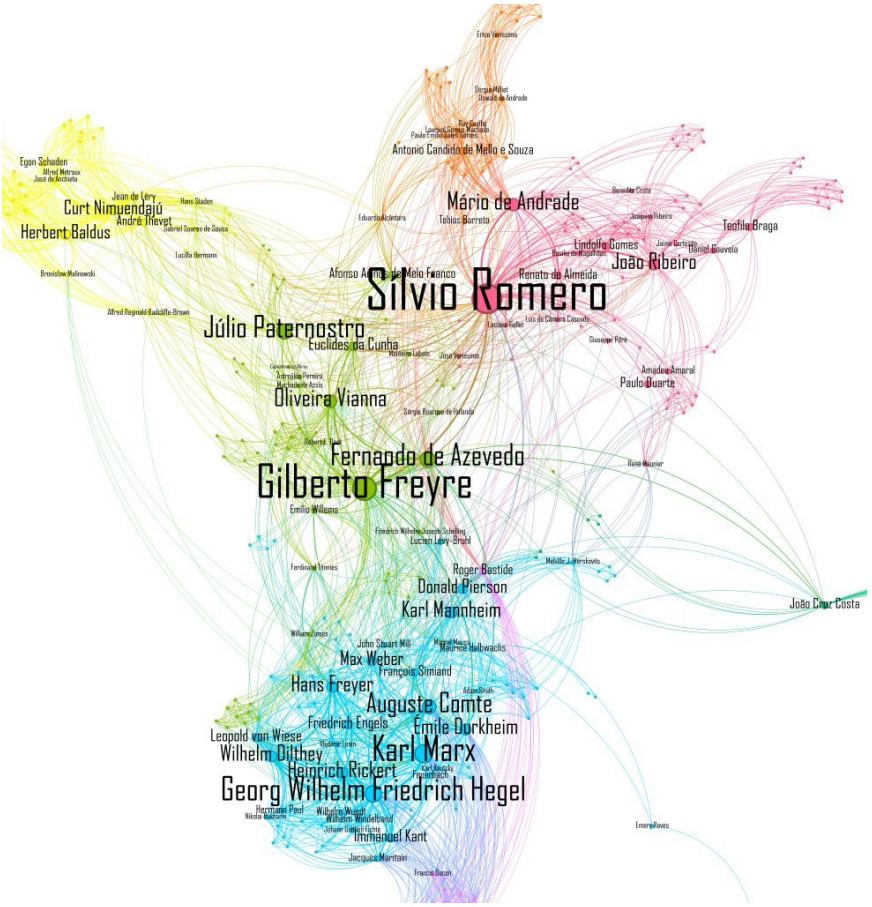
relação e a força de sua atração; se dois nomes não aparecem juntos em nenhum documento, o algoritmo sumula uma força de repulsão entre eles. A distribuição das posições relativas dos nomes no espaço topológico da rede é resultado do equilíbrio instável entre as diferentes forças. Como é comum em redes de citação, os nomes se agrupam de acordo com as diferentes disciplinas e áreas temáticas, gerando *clusters*, aqui identificados em cores distintas por meio de um tradicional algoritmo de detecção de comunidades (Blondel *et al.* 2008). Identificamos cinco grandes *clusters* de nomes, cada um ligado a algum nexo comunicativo específico. Para facilitar a legibilidade da rede, deixamos visíveis os nomes que tenham aparecido em pelo menos dois documentos assinados por Florestan. O tamanho dos nós (os nomes) está ajustado pela quantidade de artigos em que ele aparece.

O núcleo mais denso, em azul na região inferior da rede, reúne autores da filosofia e da teoria social europeia, com forte acento na tradição do historicismo alemão. Hegel (aparece em 11 documentos), Marx (12), Comte (9), Durkheim (7), Dilthey (7), Weber (6), Mannheim (7) e Hans Freyer (7) são os nomes mais frequentes aqui. Mediando a relação do *cluster* azul com os demais *clusters* da rede, encontramos o agrupamento em verde, no qual os nomes mais recorrentes são Gilberto Freyre (16), Fernando de Azevedo (10), Oliveira Vianna (8), Euclides da Cunha (5), Sérgio Buarque de Holanda (2) e Júlio Paternostro (10). Trata-se de um *cluster* que gravita, portanto, em torno dos ensaístas/intérpretes do Brasil e que possui a propriedade de ser o principal *betweenner* entre os demais agrupamentos – em uma palavra, os nomes ali presentes possuem as maiores probabilidades de se relacionarem com nomes situados em *clusters* distintos, o que é uma clara evidência de sua centralidade no debate intelectual do período. Aliás, se incluirmos também Silvio Romero (que se situa em outro *cluster* e é quem aparece em maior número de documentos, 20), percebemos a recorrência do recurso à tradição dos ensaios de interpretação do país na produção escrita na imprensa por parte do jovem sociólogo.

Na região superior da rede, encontramos três *clusters*. À esquerda, em amarelo, estão presentes nomes da antropologia e, em particular, da etnologia indígena, com destaque para Herbert Baldus, Curt Nimuendajú e Egon Schaden. Ao centro, em laranja, ganha destaque a geração de Clima, que renovou a crítica cultural e literária à luz das modernas ciências sociais, como Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes

Machado e Ruy Coelho. Os autores literários analisados por Florestan em suas críticas também se situam aí (nem todos com os *labels* visíveis, dada sua recorrência). Por fim, à direita, em magenta, gravitam nomes do debate em torno da cultura popular e do folclore.

Figura 1. Rede de cocitação: autores citados por Florestan Fernandes na imprensa paulista da década de 1940.



Modelagem: *software* Gephi.

As linhas de força que organizam a rede se polarizam horizontalmente e verticalmente. Ao norte (debate cultural e literário) e ao sul da rede (debate epistemológico das ciências sociais) encontram-se nexos comunicativos com baixa interação recíproca; um foi depois abandonado por Florestan (que deixou a crítica literária) e o outro sistematizado em diferentes artigos

e livros, culminando em *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, publicado em 1959. A oeste (debate etnológico) e a leste (debate sobre cultura popular e folclore) se localizam diferentes debates nos quais Florestan participou ativamente, embora de modo desigual, na década de 1940 e início dos anos 1950. Dito de modo resumido, a rede de cocitação dos artigos de Florestan na imprensa sugere a existência de nexos comunicativos distintos em interação e irritação recíproca, em que se entrelaçam o debate científico-intelectual ao debate cultural e literário mais amplo que dava a tônica dos jornais paulistas em meados do século XX.

Uma agenda de pesquisa (considerações finais)

A imprensa periódica conforma um acervo que suscita questões de natureza teórica e empírico-metodológica para o estudo da história da sociologia no Brasil e do pensamento social em geral, que procuramos discutir aqui à luz de três casos que julgamos relevantes.

Aqui apresentamos brevemente uma abordagem "comunicacional" para o estudo da sociologia como disciplina emergente, que enquadra o problema em termos do enlace recursivo de "eventos comunicativos" que, ao longo de um processo, vão conformando distinções, fronteiras e nexos entre distintas disciplinas científicas e tipos de atuação (especializada ou "diletante", por exemplo), com desenlaces sempre abertos, posto que sujeitos a variações não de todo controláveis. Os circuitos comunicativos que constituem uma disciplina são sempre múltiplos e evoluem sem uma direção unívoca, embora possam surgir adensamentos em torno de certos temas e perspectivas e também a formação de circuitos centrais e periféricos (Abbott, 2001; Stichweh, 1992). No caso dos suplementos literários e culturais cariocas, foi possível observar um crescente e heterogêneo adensamento comunicativo em torno da identidade da sociologia como disciplina científica, que enlaçou gerações e estilos de atuação muito diversos nas páginas domingueiras dos jornais da capital do país. Também mobilizamos o conceito de "movimento intelectual" para enquadrar teoricamente o modo articulado, porém descentrado, pelo qual a disciplina emergente foi disputando recursos culturais, intelectuais e científicos na reelaboração das formas de auto-observação da sociedade brasileira. No caso da análise da

produção de Florestan Fernandes na imprensa periódica paulista da década de 1940, a abordagem "comunicacional" privilegiou a observação da intensa experimentação feita pelo sociólogo nas suas colunas, que tratou inclusive de temas até pouco tempo ignorados pela literatura especializada – como sua atuação como crítico literário, por exemplo –, e as conexões em nada desprovidas de tensão entre as diferentes redes que conectaram o jovem Florestan aos principais jornais de São Paulo.

Em termos empírico-metodológicos, a análise do material da imprensa periódica pode favorecer um frutífero diálogo entre abordagens qualitativas – como o *close reading* avançado, típico da área de pensamento social – e abordagens quantitativas ou que empreguem formalizações – como a modelagem de rede, entendida aqui como uma técnica de *distant reading*. Os resultados, em larga medida convergentes, encontrados nos três casos aqui analisados – que identificaram um entrelaçamento complexo entre diferentes circuitos comunicativos na constituição da sociologia como disciplina científica – mostram como a análise do fenômeno pode ser enriquecida à luz de diferentes formas de construção do objeto empírico.

Trata-se, em suma, de agenda de pesquisa de médio e longo prazo, que, dado o volume do acervo hoje disponível graças à digitalização dos arquivos históricos da imprensa brasileira, exige um esforço coletivo e colaborativo de codificação e análise do material à disposição para a pesquisa acadêmica. O potencial de levantar novos problemas de pesquisa por meio da investigação da presença da sociologia nos jornais deverá fazer o esforço valer a pena.

Referências

Abbott, Andrew. (2001). *Chaos of Disciplines*. University of Chicago Press.

Abreu, Alzira A. *et al.* (2008) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Ed. FGV.

Alonso, Angela. (2015). *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro*. São Paulo: Companhia da Letras.

Almeida, Luiz C. (1945, 5 maio). *Carta para Florestan Fernandes* [Documento em arquivo]. Fundo Florestan Fernandes.

Arruda, Maria Arminda do N. (2001). *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século* XX. Edusc.

Barabási, Albert-László, Song, Chaoming, & Wang, Dashun. (2012). Handful of papers dominates citation. *Nature, 491*(7422), 40. https://doi.org/10.1038/491040a

Barbosa, Marialva. (2007). *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Mauad X.

Barros, Matheus C. (2025). O jovem Florestan Fernandes e as tarefas da Inteligência. In A. Botelho & A. Bastos. (orgs.). *A sociedade dos textos dois* (pp. 383–407). BVPS Coleção.

Bastian, Mathieu, Heymann, Sebastien, & Jacomy, Mathieu. (2009). Gephi: An open source software for exploring and manipulating networks. *In Third International ICWSM Conference* (pp. 361–362) https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154

Bastos, Elide R. (2025). *A máquina das desigualdades: Florestan Fernandes interpreta o Brasil*. Vozes.

Bastos, Elide R. (2002). Pensamento social da escola sociológica paulista. In S. Miceli (org.), *O que ler na ciência social brasileira: 1970-2002* (pp. 183–230). Sumaré/ANPOCS.

Bastos, Elide R. (2006). *As Criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global.

Bastos, Elide R., & Botelho, André. (2010). Para uma sociologia dos intelectuais. *Dados, 53*(4), 889–919.

Blondel, Vincent D., Guillaume, Jean-Loup, Lambiotte, Renaud, & Lefebvre, Etienne. (2008). Fast unfolding of communities in large networks. *Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment, 2008*, P10008. https://doi.org/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008

Botelho, André. (2020). O modernismo como movimento cultural: uma sociologia política da cultura. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (111), 175–209. https://doi.org/10.1590/0102-175209/111

Botelho, André. (2008). Uma sociedade em movimento e sua intelligentsia: apresentação. In A. Botelho *et al.* (orgs.), *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil* (pp. 15–27). Topbooks.

Botelho, André, Bastos, Elide R., & Villa Bôas, Glaucia (orgs.), (2008). *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil*. Topbooks.

Botelho, André P., & Bastos Pereira, Alexandre de. (2025). Aprendizado social e performances: deslocamentos da mudança social na teoria contemporânea. *Revista Brasileira de Sociologia*, *13*, e-rbs.1084. https://doi.org/10.20336/rbs.1084

Brasil Jr, Antonio da S. (2017) La sociología en Río de Janeiro (1930-1970): un debate sobre Estado, democracia y desarrollo. *Sociológica (Méx.), 32*(90), 69–107.

Brasil Jr, Antonio da S. (2015). As ideias como forças sociais: sobre uma agenda de pesquisa. *Sociologia & Antropologia, 5*(2), 553–574. https://doi.org/10.1590/2238-38752015v5210

Brasil, Eric, & Nascimento, Leonardo F. (2020) História digital: reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Revista Estudos Históricos, 33*(69), 196–219. https://doi.org/10.1590/S2178-14942020000100011

Candido, Antonio. (2007) *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Ouro Sobre Azul.

Candido, Antonio. (2006). *Literatura e sociedade* (9. ed.). Ouro Sobre Azul.

Couto, André Luís F. (1992). *O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50*. CPDOC.

Fernandes, Florestan. (1945, 23 mar.). *Planos e Perspectivas*. Jornal de São Paulo.

Ferreira, Marieta de M. (1993). Imprensa e modernização dos anos 1950: a reforma do Jornal do Brasil. *Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo*, (2), 141.

Freitag, Bárbara. (2005). Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados, 19*(55), 229–243. https://revistas.usp.br/eav/article/view/10105

Frickel, Scott, & Gross, Neil. (2005). A general theory of scientific/intellectual movements. *American Sociological Review, 70*(2), 204–232. https://doi.org/10.1177/000312240507000202

Holanda, Sérgio B. de. (1949, 30 out.). *A Socideade Tupinambá I*. Diário de Notícias.

Jacomy, Mathieu, Venturini, Tommaso, Heymann, Sebastien, & Bastian, Mathieu. (2014). ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. *PLOS ONE, 9*(6), e98679. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0098679

Jackson, Luiz C. (2004). A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). *Tempo Social, 16*(1), 263–283. https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100013

Jackson, Luiz C., & Blanco, Alejandro. (2014). *Sociologia no espelho. Ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970*). Ed. 34.

Leydesdorff, Loet. (2007). Scientific communication and cognitive codification: social systems theory and the sociology of scientific knowledge. *European Journal of Social Theory, 10*(3), 375–388.

Luhmann, Niklas. (1996). *La ciencia de la sociedad*. Univ. Iberoamericana.

Maciel, Ricardo. (2024). *"Especialistas e Amadores": a Sociologia nos suplementos literários (1940-1969)* [Tese de doutorado em Sociologia]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Maia, João M. E. (2012). Ao sul da teoria: a atualidade teórica do pensamento social brasileiro. *Sociedade e Estado, 26*(2), 71–94.

Maio, Marcos C. (1999). O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 14*(41), 141–158. https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009

Mesquita, Cláudia. (2020). A Cidade em pauta: imprensa e modernidade carioca nos anos 1950. *Intellèctus, 19*(2), 334–346. https://doi.org/10.12957/intellectus.2020.56115

Miceli, Sergio. (org.). (2001). *História das ciências sociais no Brasil* (Vol. 1). Sumaré/FAPESP.

Moretti, Franco. (2013). *Distant Reading*. Verso.

Perlatto, Fernando. (2016). *A imaginação sociológica brasileira: a sociologia no Brasil e sua vocação pública*. CRV.

Perlatto, Fernando, & Maia, João Marcelo. (2012) Qual sociologia pública? Uma visão a partir da periferia. *Lua Nova*, (87), 83–112. https://doi.org/10.1590/S0102-64452012000300005

Ribeiro, Ana Paula G. (2000). *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50* [Tese de doutorado em Comunicação]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sacchetta, Hermínio. (1992). *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Editora Unicamp.

Santiago, Silviano. (1993). Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura, 1*, 11–17. https://doi.org/10.17851/2317-2096.1..11-17

Stichweh, Rudolf. (1992). The sociology of scientific disciplines: On the genesis and stability of the disciplinary structure of modern science. *Science in Context, 5*(1), 3–15. https://doi.org/10.1017/S0269889700001071

Tilly, Charles. (2008). *Contentious performances*. Cambridge.

Verborgh, Ruben, & Wilde, Max de. (2013). *Using OpenRefine*. Packt Publishing Ltd.

Villas Bôas, Glaucia. (2007). *A vocação das Ciências Sociais. Um estudo de sua produção em livro (1945-1966)*. Fundação Biblioteca Nacional.

Villas Bôas, Glaucia. (2006). *Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Editora FGV.

Wagner, Peter. (2012) *Modernity: understanding the present*. Polity.

Wagner, Peter. (2001). *A history and theory of the social sciences: not all that is solid melts into air*. Sage.

Recebido: 20 abr. 2026.
Aceito: 22 set. 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0